



PERCEPÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE GURUPI - TO FRENTE AO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

MATOS, Vanessa Lopes de¹

MARINHO, Vinicius Lopes²

MARINHO, Viviane Lopes³

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar o grau de compreensão dos professores acerca do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, bem como identificar as práticas pedagógicas dos mesmos frente aos alunos com esse tipo de transtorno. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com uso de entrevista para a coleta de dados que permitiram verificar o grau de compreensão dos professores sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, as práticas pedagógicas adotadas por esses professores, bem como as dificuldades encontradas durante o trabalho com o aluno com esse tipo de transtorno. As entrevistas, compostas de perguntas abertas, foram feitas com sete professores que lecionam no

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UnirG. E-mail: vanessaa@hotmail.com

² Psicólogo, pós-graduado em Gestão Estratégica de Recursos Humanos e professor Assistente I do Curso de Psicologia do Centro Universitário UnirG. E-mail: vinicius.marinho22@gmail.com

³ Licenciada em Letras pelo Centro Universitário UnirG. E-mail: bebezinthagpi@hotmail.com

ensino fundamental de escolas da cidade de Gurupi e os resultados revelaram que a maioria desses profissionais encontra dificuldades para lidar com esse tipo de alunos, tendo sido apontada a falta de qualificação, ou seja, um despreparo no que diz respeito a sua prática pedagógica, como a maior dificuldade.

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção. Ensino e TDAH. Práticas pedagógicas.

**PERCEPTION AND PEDAGOGICAL PRACTICES FOR
TEACHERS IN MUNICIPAL SCHOOLS OF GURUPI
ADDRESS: FRONT DEFICIT DISORDER AND
HYPERACTIVITY**

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the degree of comprehension of teachers about the disorder of attention deficit hyperactivity disorder, as well as identify the pedagogical practices front of the same students with this type of nuisance. This is a qualitative research using interview for data collection which allowed us to verify the degree comprehension of the teachers about the disorder Attention Deficit Hyperactivity, the pedagogical practices adopted by these teachers, well as the difficulties encountered during work the student with this type of disorder. The interviews, composed of open questions, were made with seven teachers who teach in elementary schools of the city of Gurupi and the results revealed that the majority of these professionals find it difficult to deal with such students having been appointed lack of qualification, that is, an unprepared as regards their practice teaching as the greatest difficulty.

Keywords: Attention Deficit Disorder. Teaching and ADHD. Pedagogical practices.

INTRODUÇÃO

Muitas mudanças e transformações marcaram o contexto educacional brasileiro nas últimas décadas. No atual contexto da sociedade globalizada e tecnológica há uma nova definição dos papéis no interior da escola, fruto dessa nova configuração da sociedade. Nesse novo cenário, a escola passa a enfrentar problemas que impactam diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Dentre eles, pode ser citado o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Atualmente o TDAH é um dos temas mais estudados em crianças em idade escolar, sendo considerada uma das principais fontes de encaminhamentos para o Sistema Único de Saúde (SUS).

No Brasil, nos últimos anos, profissionais e educadores buscam diminuir a carência teórica acerca do TDAH, produzindo livros e artigos, publicando revistas e criando programas e grupos como o Projeto de Déficit de Atenção e Hiperatividade para adultos (PRODAH) no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, o Ambulatório para Distúrbios Hiperativos e Déficit de Atenção para

crianças e adolescentes (ADHDA) no Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência no Hospital das Clínicas da USP, o Serviço de Psiquiatria Infantil para crianças e adolescentes no Hospital Universitário de João Pessoa, o Grupo de Estudos do Déficit de Atenção no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Programa de Déficit de Atenção e Hiperatividade no Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA) entre outros (MEDEIROS, 2009).

Entre muitas nomenclaturas, a sigla TDAH é utilizada para definir o chamado déficit de atenção e hiperatividade, quer dizer, para denominar a dificuldade que um indivíduo tem de manter o foco da atenção, em resistir a práticas compulsivas e capacidade de ficar quieto (SILVA, 2009).

Segundo a ABDA, o TDAH surge a partir de um transtorno neurológico tendo como principais sintomas a desatenção, a impulsividade e a inquietude, que geralmente aparecem na infância e podem acompanhar o indivíduo durante toda sua vida.

Apresentar TDAH não quer dizer ser portador de uma patologia cerebral ou possuir má formação cerebral, mas simplesmente que o funcionamento do cérebro do indivíduo possui peculiaridades e particularidades – a sua origem acontece na tríplice junção de dificuldade de concentração, de autocontrole de atitudes e ações, e do descompasso entre a velocidade da atividade física e a cerebral (SILVA, 2009). A junção dessas características pode afetar o comportamento da pessoa quanto à compreensão das coisas circundantes podendo acarretar cansaço, desgaste mental e incapacidade de apresentar bom desempenho em atividades que exigem concentração e atenção (SILVA, 2009).

Com relação à compreensão do transtorno, tem-se um histórico de reconstruções. Até os anos 60 prevaleceu uma compreensão orgânica do transtorno, acompanhada de uma progressiva ênfase nas manifestações comportamentais. Nesse raciocínio, o transtorno foi incluído na segunda edição do Manual de Diagnóstica e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM-II) com a

designação de Reação Hiperkinética da Infância (AMERICAN..., 1968).

Durante a década de 70 o sintoma da hiperatividade se destacou do restante dos sintomas. No final desse período a desatenção surgiu como sintoma e passou a ser, então, objeto de constantes investigações, tendo-se verificado que as crianças poderiam ter sintomas de hiperatividade sem desatenção ou vice-versa. Tal mudança motivou a redefinição e classificação do transtorno em dois tipos: Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade e Transtorno de Déficit de Atenção sem Hiperatividade (AMERICAN..., 1980).

Por fim, nos anos 80, vários estudos conferiam à hiperatividade um papel básico e, por essa razão, na terceira edição revisada do DSM (AMERICAN... 1987), o transtorno é redefinido como Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade e é eliminada a diferenciação em dois tipos.

Com relação à etiologia do transtorno, fatores neurológicos e genéticos parecem contribuir significativamente para a explicação dos sintomas e a ocorrência do transtorno. Por outro lado, fatores

ambientais e sociais não são considerados fatores causais, mas podem contribuir para a persistência dos sintomas (REIS; CAMARGO, 2006)

O TDAH é constituído principalmente por três principais sintomas sendo que o primeiro manifesta-se por meio da dificuldade de atenção, o segundo pela impulsividade, pela força do ímpeto que age sobre o raciocínio do sujeito e, a terceira, chamada de hiperativismo físico e mental, consiste tanto em sintomas perceptíveis como o andar e pequenos movimentos corporais constantes quanto a dificuldade para dormir devido à elevada atividade cerebral (SILVA, 2009).

Para Goldstein e Goldstein (1998, p. 33), “[...] o diagnóstico da hiperatividade não pode ser feito baseado em um único problema, um questionário ou um rápido *click-up*”. Situações que confundem o diagnóstico da hiperatividade são frequentes como: momentos na vida da criança em que ela passa por alta ansiedade ou, ainda, outros fatores como a dislexia, alguma disfunção familiar ou até mesmo um distúrbio de conduta.

Para um diagnóstico correto faz-se necessário um serviço especializado, ou seja, a presença de uma equipe multidisciplinar especializada no transtorno (GOLDSTEIN; GOLDSTEIN, 2007).

O sujeito portador de TDAH sente muita dificuldade na realização de atividades que exijam momentos de atenção, principalmente atividades em que os movimentos corporais são mínimos ou desnecessários como é o caso das atividades de leitura, de escrita ou até mesmo a de audição e compreensão, que representa a maioria dos casos que ocorrem no ambiente da sala de aula. As consequências desse comportamento são múltiplas e desastrosas para a vida educacional e também social do indivíduo já que, por sua inquietude, acaba por chamar a atenção sobre si de forma negativa e, assim, atrair antipatia já que muitas vezes o senso comum classifica o portador de TDAH como irresponsável e inconveniente (TEIXEIRA, 2008).

Outro fato comum é encontrar professores que desconhecem o assunto por existirem muitas dúvidas e mitos sobre o TDAH. Assim, havendo suspeita de que o aluno apresenta características de impulsividade ou

desatenção ao extremo, o professor e a escola, considerando que ambos têm papel fundamental no diagnóstico e no tratamento do TDAH, devem sugerir intervenção médica. Uma vez diagnosticado, o professor tem condições de ajudar o aluno sem prejudicar o andamento da turma, criando estratégias que facilitem o cotidiano dessa criança, com identificação de possíveis talentos e encorajando a criança a desenvolvê-los, elogiando sempre que necessário e estimulando a criatividade da criança. (TEIXEIRA, 2008).

As inúmeras maneiras de atuação do professor podem interferir positiva ou negativamente na aprendizagem de seus alunos. Ao saber que o TDAH não é um transtorno que afeta apenas o comportamento da criança, mas também a capacidade para a aprendizagem, o professor precisa assumir o seu importante papel e organizar suas práticas pedagógicas para favorecer ao máximo a aprendizagem dessa criança (ANDRADE, 2006).

Com base no exposto, o presente trabalho teve como objetivo analisar o grau de compreensão de professores da rede municipal de

ensino de Gurupi acerca do TDAH, bem como identificar as práticas pedagógicas dos mesmos frente aos alunos com esse tipo de transtorno.

MÉTODO

A caracterização desta pesquisa é de natureza qualitativo/descritiva com trabalho de campo. Conforme Chizzotti (1998, apud FEIJÓ, 2006), a pesquisa qualitativa parte do princípio que “[...] existe uma relação de dependência entre o mundo e o sujeito, em que o sujeito-observador é um integrante ativo do processo de conhecimento, dando significado aos fenômenos interpretados”. Já a pesquisa descritiva é aquela que estuda, registra, examina e correlaciona os acontecimentos ou fenômenos sem manipulá-los (TOMASI; YAMAMOTO, 1999).

Participaram da pesquisa 07 professores do ensino fundamental de escolas da rede municipal de ensino da cidade de Gurupi-TO, selecionados como sujeitos por contarem em suas turmas com alunos diagnosticados com TDAH. Para preservação do anonimato, os profissionais foram identificados, nesta pesquisa, por meio de números. Cabe considerar que todos os participantes possuem nível

superior, sendo que um deles possui curso de pós-graduação.

Com relação aos aspectos éticos, a presente pesquisa apresentou risco mínimo aos participantes por se tratar de uma tarefa de verificação, cujo objetivo foi verificar a percepção dos professores com relação ao transtorno, as práticas pedagógicas adotadas e as dificuldades encontradas pelos mesmos em relação aos alunos com esse tipo de transtorno.

Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas que permitiram verificar o grau de compreensão dos professores sobre o TDAH, as práticas pedagógicas adotadas por cada professor, bem como as dificuldades encontradas durante o trabalho. As questões abordadas nas entrevistas se ocuparam em averiguar qual o conceito do presente transtorno e seus principais sintomas para cada professor, onde e quando foi a primeira vez que ouviu falar do transtorno, como é o trabalho com o aluno que tem o transtorno e as principais dificuldades encontradas na execução desse trabalho, qual o preparo teve durante a formação para lidar com o transtorno, bem como que

tipo de contato/informação teve sobre o TDAH durante a graduação.

DESENVOLVIMENTO

A partir das respostas dos professores e suas vivências frente ao Transtorno de Déficit de Atenção, foram elencadas as seguintes categorias:

CONTATO COM O TDAH

Como 100% dos professores pesquisados possuem alunos com TDAH, ao serem estimulados a responder sobre os principais sintomas apresentados por essas crianças, a inquietação e desatenção surgiram como os principais sintomas observados por eles. O professor nº 1 responde: “O que mais observo nele é inquietude, desatenção e também é muito impulsivo faz e fala as coisas sem pensar”.

O professor 2 explicou em sua resposta que o aluno

É um indivíduo que apresenta desatenção, normalmente apresenta sintomas como: cometer erros por descuido em atividades escolares: dificuldade em manter atenção. Em atividade recreativa, com bastante frequência não segue instruções e não termina seus deveres escolares, frequentemente perde coisas necessárias para realizar tarefas.

Tal fato condiz com Rohde et al. (2000) quando afirma que a criança com TDAH apresenta como principais características dificuldades para sustentar a atenção por um considerável espaço de tempo, agitação e impulsividade. Na mesma direção Barkley (2002, p. 35) corrobora ao definir o TDAH como “[...] um transtorno de desenvolvimento de autocontrole que consiste em problemas com períodos de atenção, com o controle de impulso e com o nível de atividade”.

De acordo com as respostas dos professores verificou-se que tais alunos já vieram para a sala de aula com o diagnóstico de TDAH. Alguns deles foram informados pela direção da escola e/ou até mesmo pelos pais das crianças.

O QUE SABEM SOBRE O TDAH

Cerca de 90% dos professores entrevistados parecem conhecer o transtorno. Essa realidade é totalmente oposta ao resultado da pesquisa de Silva et al. (2008) em que 90% dos professores não sabiam identificar o transtorno devido à ausência de um entendimento sobre o assunto.

Contudo, ao se comparar o resultado da pesquisa feita em Gurupi com o estudo realizado por Rossi e Rodrigues em 2009, numa cidade do interior do estado de São Paulo, com o objetivo de verificar as concepções dos professores do ensino fundamental sobre o TDAH, tem-se um dado semelhante, visto que os autores identificaram um percentual de 85% de professores com conhecimento sobre o que é o transtorno e quais os principais sintomas.

Por outro lado, apesar da maioria dos participantes possuírem um conhecimento acerca do referido transtorno verificou-se que alguns o confundem com indisciplina, fato evidenciado na resposta do professor 2:

Tinha uma idéia totalmente contrária à realidade desse transtorno; para mim não passava de indisciplina, mas depois de alguns artigos lidos descobri que é algo sério. É um transtorno em que a criança não consegue realizar seu potencial devido à desatenção à impulsividade e hiperatividade.

Os autores Silva et al. (2008) acreditam que esse conhecimento é importante, não para que o professor faça o diagnóstico, mas para que se possa fazer uma identificação correta

e assim tomar as providências necessárias.

O que foi percebido durante as entrevistas é que os professores que possuem algum conhecimento sobre o TDAH o buscaram, ou seja, ou já tiveram alguma aula sobre o tema durante a graduação ou a busca se deu pela própria internet, quando o mesmo se viu diante da realidade de ter um aluno com esse transtorno.

Nessa perspectiva, Andrade (2006) afirma que o professor, na condição de mediador, precisa compreender o aluno e ter conhecimento das implicações do TDAH em sua aprendizagem, pois grande parte do sucesso do aluno depende do planejamento de estratégias pedagógicas que o envolvam nas atividades propostas e atendam as suas necessidades educacionais.

PRÁTICAS ADOTADAS E PRINCIPAIS DIFICULDADES

Segundo Goldstein e Goldstein (1998) há uma vasta variedade de intervenções específicas que o professor pode fazer para ajudar a criança com TDAH a se ajustar melhor à sala de aula, tais como: proporcionar estrutura, organização, encorajar

frequentemente, elogiar e ser afetuoso, porque essas crianças apresentam desânimo facilmente. Começar com tarefas simples e gradualmente mudar para mais complexas e dar responsabilidades que elas possam cumprir faz com que se sintam necessárias e valorizadas.

Diante dos dados obtidos constatou-se que os professores, ainda que portando conhecimento básico sobre o tema, buscam, por meios próprios, metodologias e técnicas para diversificarem suas aulas com o objetivo de conseguir atender a esse tipo de aluno. Isso é constatado na fala do professor nº 6:

Eu procuro levar para dentro da sala atividades que prendam o máximo de atenção do aluno; é interessante também fazer dinâmicas diferentes, que obriguem o aluno a pensar e raciocinar, fazendo com que ele mantenha a atenção e o foco na atividade.

Tal fato também pode ser comparado com os dados da pesquisa de Silva et al. (2009) que tinha como objetivo conhecer as principais dificuldades bem como as práticas pedagógicas adotadas pelos professores da rede Municipal de Recife diante de um aluno com TDAH. Conforme os relatos, eles buscam

adaptar seu processo de ensino de acordo com as necessidades educacionais dos alunos.

Uma situação oposta ao da referida pesquisa foram os achados do estudo de Andrade (2006) onde se constatou que cerca de 80% dos professores preparam suas aulas direcionando-as aos outros alunos e, não, ao aluno com o TDAH.

Outra prática ressaltada pelos professores que é considerada efetiva é trabalhar com turmas menores de alunos, mas esse fato não depende só dos professores. Contudo, o professor pode dividir a turma em grupos menores para que assim possa ter o controle da mesma, conforme relato do professor nº 3:

Essa aluna senta na primeira fila bem na frente para eu poder dar uma atenção para ela. Eu trabalho com toda a turma, sempre procuro dividir a sala em dois grupos menores, pois assim fica mais fácil de trabalhar, de dar uma atenção. A turma é muito grande, então a solução que achei mais viável foi essa.

Com relação à situação exposta acima, verificou-se que uma forma de amenizar o problema da lotação da sala de aula encontrada pelo professor foi dividir os alunos em pequenos grupos, pois assim consegue dar mais

atenção a todos. Já na pesquisa de Medeiros (2009) e Silva et al. (2008) a superlotação foi apontada como um dos problemas que mais interferem na atuação pedagógica dos professores.

Uma sala de aula cheia atrapalha não somente na hora de avaliar o aluno, mas principalmente no que se refere à aprendizagem, fato constatado pelo professor nº 4: “É muito complicada a questão da sala muito cheia, preciso dar atenção não só pra ele, mas para todos os alunos”.

Ainda com relação às práticas adotadas frente ao TDAH, Barkley (2008) afirma que recompensas e incentivos devem ser utilizados ao invés de punição. A mesma autora acrescenta que sistemas de recompensas podem permanecer eficazes durante um ano escolar inteiro com mínima perda de intensidade, desde que as recompensas sejam alteradas frequentemente. Tal situação foi verificada pelo professor nº 7: “Essa aluna senta na primeira fila bem na frente para eu poder dar uma atenção para ela. Eu trabalho com toda a turma com estrelinhas, uma forma de recompensar os alunos em sala de aula e ela também é recompensada”.

Recompensar os alunos com TDAH pelo bom comportamento é uma prática considerada efetiva pelos professores pesquisados. Essa prática foi também descrita por Medeiros (2009) em que a recompensa é o afeto – em seu estudo o afeto manifestado pelos professores surgiu como um instrumento cuja finalidade é dar significados positivos ao educando.

A resposta do professor nº 5 mostra o quanto é importante a afetividade no relacionamento com os alunos:

Tento estar sempre perto dele, elogiar bastante todas suas atividades concluídas que são poucas que ele consegue. Evito repetir muito as atividades e procuro estimular a criatividade dele. Trato sempre com muito carinho, pois assim percebo que ele se sente mais confiante.

De acordo com Arantes (2003), a afetividade faz parte da vida psíquica, por isso muitas vezes o indivíduo é intrinsecamente levado para agir de uma forma e faz tudo totalmente diferente porque os afetos intervêm no comportamento.

FORMAÇÃO E CAPACIDADE PARA LIDAR COM ALUNOS COM TRANSTORNO DE

DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE

Diante das respostas apresentadas pelos participantes, o que fica evidente é que a maioria dos professores teve um mínimo contato com o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade tema durante sua formação, seja durante a graduação, seja na especialização. Esse fato pode ser observado na resposta do professor nº 1 quando questionado sobre a capacidade de atuar com alunos com TDAH: “Não. Acredito que sou incapaz de ajudar essa aluna”.

Na resposta do professor nº 5 a mesma situação é exposta: “Para ser sincera não. Pois não tive nenhum preparo e toda aula é algo novo que pode acontecer e eu tenho que buscar as minhas formas de ensinar a essas crianças”.

Com relação a tal situação, Andrade (2006) considera a formação inicial dos professores de fundamental importância por oferecer subsídios teóricos que servirão de base para a sua prática pedagógica. A resposta do professor nº 7 mostra que essa busca ocorre por parte do próprio professor, mas que mesmo assim o mesmo sente dificuldades na atuação: “Tenho

buscado ler artigos, procuro na internet, mas na verdade me sinto falha com essa criança sinto que talvez eu poderia fazer mais se eu tivesse o apoio da família”.

Ainda sobre tal aspecto Andrade (2006) ressalta que a formação dos professores vem apresentando algumas fragilidades, sobremaneira no que remete às informações sobre a educação de alunos com necessidades educacionais especiais, nesse caso, com TDAH. Essa fragilidade é evidenciada na resposta dos participantes, visto que os mesmos tiveram um contato bem superficial com o transtorno em questão, através de trabalhos ou uma ou outra aula em isolado. Pode-se relacionar a situação de não ter tido muito contato com tais questões durante a graduação com o próprio fato de ser recente a questão da inclusão no Brasil. Andrade (2006) pontua que a proposta de inclusão de alunos com deficiência, na sala de aula regular, é bastante recente, assim como as discussões no ensino de graduação sobre o processo de aprendizagem desses alunos, de seu desenvolvimento, seus limites e suas possibilidades.

Já com relação à capacidade de lidar com tal situação, é evidente a falta de preparo e insegurança por parte dos professores pesquisados. Eles acreditam que uma qualificação ou até mesmo uma formação mais específica conseguiria suprir tais necessidades de conhecimento.

Um fato que chamou a atenção foi que nenhum dos participantes falou em formação continuada, já que esta é de fundamental importância para o desenvolvimento profissional. A esse respeito, Teixeira (2008) afirma que a formação continuada está a serviço da reflexão e da produção de um conhecimento capaz de oferecer a fundamentação teórica necessária para a articulação prático-crítica em relação ao aluno, à escola, à sua profissão e à sociedade. Já Freire (2005) e Nóvoa (2004) corroboram quando consideram e apontam para a importância de uma formação continuada reflexiva e dialógica, considerando a dimensão pessoal e profissional de cada professor.

Os dados da pesquisa vão de encontro com os dados das pesquisas de Silva (2009) e Medeiros (2009) onde a maioria dos professores relataram de forma unânime que não receberam e não sabem da existência

de formação que tratasse sobre o transtorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou compreender quais as principais dificuldades nas práticas pedagógicas de educadores do ensino da rede municipal de Gurupi que possuem em sua turma crianças com déficit de atenção e hiperatividade TDAH.

A partir dos relatos dos docentes foi possível perceber que a falta de conhecimento sobre o TDAH é o principal fator que faz com que os educadores não saibam realizar uma prática que atenda às necessidades educacionais desses alunos. Apesar de terem alguma noção do que seja o transtorno, tal conhecimento pouco significa diante das situações que se apresentam no seu dia a dia.

Outro aspecto observado foi a ausência de formação específica que

auxilie os professores, bem como a falta de orientação por parte da escola. Percebe-se claramente que a inclusão não está sendo realizada do modo como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), quando se verifica a introdução de alunos com TDAH, assim como outros alunos com necessidades educacionais especiais, nas salas de aula sem realização dos ajustamentos curriculares necessárias à inclusão desses alunos, tornando o problema ainda maior ao fazer como vítimas professores e alunos.

Sabe-se que o dia a dia em sala de aula dos alunos com TDAH se apresenta, de fato, muito difícil, porém o professor, consciente de estar atuando em um sistema educacional inclusivo, mas sujeito a falhas, precisa ressignificar sua prática partindo de um enfoque crítico sobre a educação e do seu papel.

REFERÊNCIAS

ABDA. ABP *Associação Brasileira de Psiquiatria assina carta de princípios sobre TDAH e realiza pesquisa junto com data folha*. Disponível em: <<http://www.abpbrasil.org.br/noticias/exibNoticia/?not=391>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. 3. ed. Washington: American Psychiatric Association, 1980.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 4. ed. (Dornelles, C. trad., primeira publicação 2000). Porto Alegre: Artmed, 2003.

ANDRADE, Maria da C. de Oliveira. *A prática pedagógica de professores de alunos com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2006.

ARANTES, V. A. *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003.

BARKLEY, R. A. *Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDA/H): guia completo para pais, professores e profissionais da saúde*. Porto Alegre. Artmed. 2002.

_____. (Org.). *Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: manual para diagnóstico e tratamento - 3 ed.*- Porto Alegre: Artmed, 2008.

FARREL, M. *Dificuldades de relacionamento pessoal, social e emocional: guia do professor*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FEIJÓ, Gabriela. *A Psicologia e o Processo de Humanização no Hospital diante da Relação Enfermeiro-Paciente*. Trabalho de conclusão de Curso de Psicologia. Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006. Disponível em: <<http://inf.unisul.br/~psicologia/wp-content/uploads/2008/07/GabrielaFeijo.pdf>>. Acesso em: 12 abr.2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GOLDSTEIN, S.; GOLDSTEIN, M. *Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança*. São Paulo: Papirus, 1998.

HOHDE, L. A.; HALPERN, R. *Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: atualização*. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org>>. Acesso em: 16 out. 2011.

MEDEIROS, Marilza. *Práticas pedagógicas afetivas na relação Professor aluno com TDAH*. Dissertação de Mestrado. Universidade Tuiuti, Curitiba,2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/240-2.pdf>> Acesso em: 15 Out. 2011.

NÓVOA, Antonio (Coord.). *Os professores e sua formação*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

REIS, Maria das Graças Faustino; CAMARGO, Dulce Maria de Pompêo de. *Práticas escolares e desempenho acadêmico de alunos com TDAH*. Dissertação de Mestrado, PUC-Campinas, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a07.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2011.

ROSSI, Liene Regina; RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim. *Concepções dos professores do ensino fundamental sobre TDAH*. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/kry5p/pdf/valle-9788598605999-11.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2011.

SILVA, A. B. B. *Mentes inquietas TDAH: Desatenção, hiperatividade e impulsividade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SILVA, Erivanir; CRUZ, Vanessa Vera; LIMA, Waleska; ASFORA, Raffaella. *TDAH e prática pedagógica: Conhecendo as principais dificuldades a partir de relatos de professores da rede municipal do Recife*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Pernambuco, 2008. Disponível em: <http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2010.1/tdah%20e%20prtica%20pedaggica%20conhecendo%20as%20principais%20dificulda.pdf> Acesso em: 15 out. 2011.

TEIXEIRA, V. S. S. L. *Entendendo os portadores de TDAH*. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Distúrbios da Aprendizagem, 2008. Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem, São Paulo, 2008.

TOMASI, N. G. S.; YAMAMOTO, R. M. *Metodologia da Pesquisa em Saúde – Fundamentos Essenciais*. Curitiba, 1999.

Recebido em: 06 jun. 2013

Aprovado em: 28 ago. 2013